



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE *DR. JEKYLL AND MR. HYDE*

Diana de Oliveira Brito
(UESB)

Janaina de Jesus Santos**
(UESB)

RESUMO

Neste estudo, investigamos a constituição de sujeitos discursivos a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso francesa (AD) e seus desdobramentos no Brasil, tomando como fio condutor a constituição mútua dos discursos e do sujeito na materialidade fílmica de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (Barzman, 2008, Canadá). Consideramos que a noção de sujeito é fundamental para analisar a emergência do filme e a produção do sujeito horrífico em Barzman, tendo em vista que os enunciados foram observados a partir das características específicas do cinema fantástico.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Discurso fílmico. Cinema fantástico.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é investigar a constituição do sujeito e do horror na materialidade específica *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, Paolo Barzman, a partir dos estudos em Análise do Discurso francesa e seus desdobramentos Brasil, tomamos como fio condutor as noções de sujeito, discurso e enunciado que (re)aparecem na sociedade de tempos em tempos.

** Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/DCH VI; líder do AUDiscurso/CNPq - Laboratório de Estudos do Audiovisual e do Discurso; coordenadora do Projeto “Discurso, subjetividade e narrativas fantásticas: práticas analíticas interdisciplinares/UNEB. E-mail: janainasan@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Compreendemos o cinema fantástico como lugar privilegiado para perceber os elementos imagéticos, que apontam para a constituição do corpo e da ordem do discurso, e, por isso, escolhemos esse objeto para analisar os discursos na sociedade contemporânea. Courtine (2008, p. 17), afirma que “é impensável que pretendamos ainda hoje separá-las [as palavras] das imagens – imagens fixas e imagens em movimento”, que não questionamos a relação entre imagens e discurso e salienta que as se constituem em enunciados.

A escolha do filme *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* de Barzman nos incita a investigar como os sujeitos são constituídos dentro de um mesmo corpo e se mostra em metamorfoses. Esse questionamento nos remete à desconstrução da ordem e uma transgressão mostrada e dita no filme em questão: o que nos inquieta é a descontinuidade das práticas de subjetivação e sua regularidade que são constituídas por discursos. Portanto, a ordem do discurso nos leva a pensar com Foucault, que o ser da linguagem é o espaço e este, por sua vez, dominado pelas práticas de subjetivação do sujeito. Assim sendo, os enunciados foram selecionados de acordo com o princípio da descontinuidade do discurso.

O estudo da obra fílmica questiona as narrativas fantásticas por meio da investigação da materialidade *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. O sujeito é constituído por uma perspectiva de transgredir a ordem do discurso, sendo que *Dr. Jekyll* metamorfoseia-se no perverso e violento *Hyde* que deseja ganhar vida no corpo do outro e evidencia os sujeitos descentrados. Olharemos as regularidades destes discursos, estabelecendo relações capazes de convergir no sentido de constituição de sujeitos, transgressores da ordem e da moral.

Todo discurso é atravessado por outros discursos, na medida em que o mesmo é proferido multiplicando suas verdades através dos tempos e produzindo construções subjetivas. Para Foucault (2011, p. 20) “o discurso não é simplesmente aquele que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, senão



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

aquele pelo que, e por meio do qual, se luta; aquele poder de que alguém quer se apossar”.

O discurso se dá a ver como prática e constitui a subjetivação mostrada na obra cinematográfica. Olhando o filme selecionado, nos perguntamos sobre a constituição dos sujeitos e a coexistência no mesmo corpo a partir da afirmação de Nietzsche (2006, p. 98) sobre a doutrina da igualdade liberal que “não há veneno mais venenoso: pois ela parece ser pregação da própria justiça: e, o que daí se segue: nunca tornar igual o desigual”. Seria a camuflagem de Dr. Jekyll apenas um efeito de linguagem usado pelo cinema? Foucault (2011, p. 26) ratifica que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”. Desta forma, os discursos proferidos em uma determinada época são acontecimentos sócio-históricos nos quais o sujeito está inserido.

Segundo este mesmo autor, em *A Arqueologia do saber* (2013, p. 31), “é preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até os menores traços, escondido bem longe de todos os olhares”. Nesse sentido, o discurso é constituído em uma rede de possibilidades e determina um lugar para o sujeito.

Portanto, os sujeitos são construídos por vários discursos e se dão a ver na imagem em movimento, como estamos analisando neste estudo. Isto é, a constituição do sujeito está intrinsecamente relacionada à descontinuidade dos discursos, como salienta Foucault (2013, p. 66) em *A Arqueologia do saber*:

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito em sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Em *A ordem do discurso*, o filósofo reforça a produção de elementos de controle trazendo à tona as questões de poder, enfatizando que não se tem o direito de dizer qualquer coisa e em qualquer lugar e, portanto, reforçando a constituição das regras sociais e de uma ordem. Assim, os discursos lutam por sua existência em uma ordem e a exterioridade dita as “condições de possibilidades do discurso, a produção dos acontecimentos e sua singularidade que se manifesta em seu pensamento” (FOUCAULT 2011, p. 10).

Fernandes (2008, p. 35) reafirma que o sujeito é “constituído por diferentes vozes, é marcado por intensa heterogeneidade e conflitos, espaços em que o desejo se inter-relaciona construtivamente com o social e manifesta-se por meio da linguagem”. Sendo assim, a relação de poder e saber é constitutiva do sujeito, do mesmo modo que essas relações sociais constroem a moral e determinam o que pode e o que deve ser dito.

Neste sentido, é impossível analisar um discurso sem olhar as condições de possibilidade, uma vez que estão intimamente ligadas à constituição do sujeito. Por isso, os sentidos produzidos no filme dependem das condições históricas e sociais e da situação em que o sujeito que o produz está inserido.

Compreendemos, pois, que o “discurso é a materialização da linguagem e carrega consigo as manifestações ideológicas de ordem sócio-históricas enunciadas pelos sujeitos do discurso” (GREGOLIN, 2003, p. 90). Diante deste desafio, Santos (2011), faz eco a Courtine e Gregolin e afirma que as “materialidades do verbal e do visual exigem a mobilização de conceitos capazes de concederem suas especificidades.” Entretanto, a materialidade do verbal e do visual exige mudanças em conceitos e métodos a fim de trazer suas singularidades. Ilustramos as condições de possibilidade dos discursos considerando que a palavra ao ser utilizada por “[...] um sujeito, não é fixa, está sempre em produção, encontra-se em um processo ininterrupto de construção e é caracterizada por mutações” (FERNANDES, 2008, p. 34). Assim, considerar as



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

condições de possibilidade do discurso e do sujeito na materialidade fílmica nos faz retornar sobre a relação entre saber e poder.

O Cinema é a arte da imagem em movimento e se constitui em entretenimento e documento em nossa sociedade, sendo tomado como objeto em varias áreas de estudo. Ele é objeto de estudo privilegiado por permitir a circulação de enunciados e de sentidos historicamente determinados. Castilho (2003, p. 08) afirma que “O filme propicia por si só uma atração especial, é envolvente, mobiliza a atenção concentrada, envolve o espectador, mobiliza aspectos emocionais, explora a percepção, valores, julgamentos, paixão e compaixão, opiniões e até desejos”. Assim, a linguagem verbal e não-verbal conduzem a discursos já ditos e mostrados, em uma materialidade privilegiada.

O filme escolhido contém elementos que evidenciam sujeitos num enquadramento de imagens em movimento como afirma Aumont (2008, p. 20) na *Estética do filme* em que

(...) um filme é constituído por um enorme número de imagens fixas chamadas fotogramas, dispostas em sequência em uma película transparente; passando de acordo com um certo ritmo em um projetor, essa película dá origem a uma imagem muito aumentada e que se move.

Dessa maneira, o filme aqui estudado nos remete a um enquadramento de subjetivação que emerge numa sociedade atravessada por uma pluralidade de discursos, na medida em que o mesmo é proferido multiplicando suas verdades através dos tempos e estas verdades são construções subjetivas. Notamos no filme em estudo como as imagens em movimento mostram as condições de possibilidade do sujeito horrífico. Guiados pelo questionamento de Foucault retomado por Santos (2011) “quem somos nós?”, investigamos a desordem dos sujeitos transgressores da ordem do discurso sobre sua própria existência na sociedade.

Assumimos como referência o conceito de discurso, compreendido como regularidade, para analisar a produção dos sujeitos descentrados e transitórios. Investigamos como são estabelecidas as regularidades da metamorfose e a

transgressão do sujeito à ordem no filme *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Para tanto, tomamos as contribuições de Foucault (2011; 2013) e Fernandes (2008) sobre a constituição do sujeito e estudos discursivos sobre mídia e imagem em movimento a partir de Gregolin (2003), Milanez (2011) e Santos (2011).

Inicialmente, apontamos os estudos em AD, especificamente na abordagem de obras cinematográficas. Em seguida, pesquisamos a relevância dessa produção de discursos que emergem no cinema e sua materialidade na constituição do sujeito no filme *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Por fim, analisamos como a materialidade do filme selecionado mostra a produção de sujeitos descentrados e transitórios, por meio da materialidade cinematográfica e suas regularidades.

Para compreender a constituição do sujeito e dos discursos na materialidade fílmica, tomamos a imagem em movimento e analisamos como se estabelecem estes entrelaçamentos de imagens em que sujeitos são ditos e mostrados em suas condições de possibilidade. Tomamos o filme *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* e destacamos a cena inicial, em um prédio abandonado, como vemos nos fotogramas abaixo:





Figura 1. O encontro de Hyde com Menddy em um prédio abandonado (imagens capturadas do próprio filme)

1.2 Materialidades: um olhar sobre *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*

Em uma noite escura, Menddy é observada por Hyde, que a persegue em movimentos bruscos, insinuando que algo inusitado irá acontecer. Na sequência, ela é arrastada pelo chão, amarrada e tem a cabeça coberta por um saco plástico. Hyde a levanta pelos braços, seus olhos se encontram, o horror se completa com seu sorriso sádico emoldurado pelo cenário de um prédio abandonado com elementos propícios à transgressão. Nessa noite, o ódio triunfa: Menddy tenta fugir, mas seu assassino a agarra como um animal a sua presa. Como quase todos os efeitos do cinema, esse retorno temido por Jekyll foi preparado.

A cenografia foi carregada de elementos que apontam para a constituição de um sujeito que foge à ordem, com um enquadramento de olhares e uma profundidade de campo suficientemente grande para se obter a porta de entrada nítida em um canto do cenário. A astúcia reprisada de seu olhar funciona tão bem que, em um primeiro instante, não são perceptíveis as diferenças. Porém, com a iluminação sobre sua face, observamos um sujeito desdobrado em dois. De um lado, o corpo do médico renomado Jekyll; de outro, seus olhos verdes refletem um ser perverso, violento e sanguinário. Isso nos remete a uma desordem nos sujeitos.

A câmera se mantém fixa no centro do cenário, a fim de mostrar em *close* os olhos de Hyde, estratégia de implicação afetiva. Num movimento de olhares de Menddy com seu assassino, o horror se completa desesperadamente na direção



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

do espectador no grito sufocado pelo medo em que ela pede socorro inutilmente. As últimas esperanças de Menddy desaparecem quando ela percebe que Hyde é o "monstro". Ele coloca a mão no bolso esquerdo da sua calça e tira um punhal, que crava na testa de Menddy, matando-a.

Assim sendo, a luz vinda do plano de fundo ilumina seus rostos que dão subsídios de um cenário de horror, na perspectiva de evidenciar a morte em seus olhos. Nesse contexto, observamos a produção cinematográfica como lugar de visibilidade de sujeitos infames numa sociedade ordenada em seus discursos.

Voltado inicialmente, para um discurso científico e, depois, para um sujeito com distúrbios de personalidade que foge à ordem causando uma desordem, vemos elementos horríficos delineando sujeitos transgressores em um mesmo corpo. Hyde é mostrado num cenário obscuro que foi evidenciado pela luz no plano do fundo, como um ser que se apresenta na escuridão, escondendo nela para atacar suas vítimas. Assim, Mr. Hyde é marcado por uma deformação visível nos traços de sua face e pela coloração verdes dos seus olhos, evidenciadas pela incidência da pouca luz da cena.

Nesse mesmo sentido, envolvido por um ambiente obscuro e por gestos grotescos, ameaçadores e violentos Mr. Hyde inicia a conversa com Menddy:

- Quieta! - grita Mr. Hyde, gesticulando com o dedo na boca - Shiiii, Shiiii.
 - Não! Eu faço qualquer coisa, responde Menddy.
 - Qualquer coisa?
 - Por favor, me solta! Por favor, por favor! Ah! Meu Deus... meu Deus!, implora Menddy.
 - Meu Deus! Diz Hyde com a cabeça em gesto de negação.
 - Vá!
 - O quê?
 - Vá embora antes que eu mude de ideia.
- Menddy sai correndo em busca de uma saída do prédio abandonado. Instantes depois ela é interceptada por Mr. Hyde.
- Eu mudei de ideia! Com um sorriso sádico, Hyde a segura pelos braços.
 - Não, Não, Não! Grita Menddy.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Assim sendo, a materialidade verbal faz ressoar as imagens na produção do sujeito Hyde, que é marcado pela impressão do mal, pela atmosfera obscura e propicia a seus crimes evidenciados pela coloração verde de seus olhos. Ele é constituído por uma linguagem verbal e não-verbal, em sentidos ditos e mostrados em seus gestos grotescos, ameaçadores e violentos capturados pela câmera na incidência da luz em seu rosto, como um sujeito infame que não é aceito na sociedade e reforça seu lugar ao ceifar vidas de pessoas.

Para a análise deste trabalho, importa-nos definir o momento em que, o sujeito se metamorfoseia como vemos na materialidade fílmica de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Diante de nossos olhos, o sujeito discursivo torna-se outro e se realiza discursivamente no mesmo corpo, fugindo da normalização. Metamorfoseado em Hyde, esse corpo comete crimes violentos e transgride a ordem, isto é, as regras da sociedade. Sendo assim “faz emergir aquilo que foge à ordem dada como natural das coisas, transgredindo as leis e a normalização de uma dada produção histórica” (MILANEZ, 2011, p. 81).

No filme, podemos observar uma atmosfera de horror criada por meio da escuridão, cenários desertos, objetos obscuros, além do surgimento de um médico que descobre uma fórmula capaz de transformar um ser em outro. Esse fato faz ecoar o discurso religioso, no que diz que “(...) criou Deus o homem...” (Gêneses 1: 27), quando Dr. Jekyll usa um fármaco para tornar-se Hyde, ele ocupa o lugar de “Deus”, dando vida a uma criatura para realizar seus desejos obscuros. Ele injeta na corrente sanguínea a fórmula e sofre a metamorfose com o intuito de intimidar as pessoas, matá-las e satisfazer seus desejos reprimidos pela ordem.

Dessa forma, Mr. Hyde é mostrado dentro de um enquadramento de sentidos de uma ameaça, como um ser que se manifesta nas noites como uma criatura das trevas e se esconde na escuridão, “dela fazendo parte e dela tirando suas forças para atacar as vítimas” (SANTOS, 2011, p.10). A presença do sujeito



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Hyde é marcada pela coloração verde de seus olhos e seu sorriso sádico como traços das trevas, que toma o corpo de Jekyll, aquele que é aceito e conceituado na ordem social.

O plano na sequência das imagens da metamorfose mostra fusões encadeadas sucessivamente para a transformação de Dr. Jekyll em Hyde. A metamorfose é conduzida pelas imagens e pelos sons e desencadeia no horror, cuja regularidade indica o inevitável, a metamorfose.

Partindo do princípio ético e moral de um médico, Dr. Jekyll transgride seu juramento de salvar vidas, pois, uma vez metamorfoseado em Hyde, seu corpo lhe pertence e suas atitudes fogem aos preceitos do discurso médico, como podemos apontar a partir das normas do conselho Regional de Medicina do estado de São Paulo: Aplicar “(...) o seu poder e entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém, mantendo-me longe de todo o dano voluntário, que me seja dado gozar felizmente da vida: se dele afastar ou infringir, o contrário acontecerá”.

Tomamos o questionamento a partir da visibilidade dos sujeitos: podem dois seres habitar um mesmo corpo? O sujeito Hyde é mostrado tanto nas cenas que destacamos aqui como no seu caráter tirano e em seus vícios, constituindo-o como um sujeito doentio e transgressor. Em visível oposição, *Dr. Jekyll* é um médico conceituado na sociedade londrina, portador de gestos calmos e educados, marcado pela serenidade transmitida em seu olhar. A obra cinematográfica evidenciou um médico de caráter incontestável, mas, imerso na situação de vida dupla, o que aponta para a metamorfose e a transgressão materializadas no corpo de Jekyll-Hyde.

CONCLUSÕES

No intuito de investigar a constituição dos sujeitos Jekyll e Hyde a partir de discursos materializados no filme, identificamos os discursos em sua emergência



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

histórica e analisamos os sujeitos em sua condição de transgressão. Assim, apontamos os sujeitos como descentrados e transitórios, que emergem na transgressão à ordem e evidenciam a monstruosidade dispersa em elementos horríficos. O sujeito horrífico é constituído pelos discursos que apontam a desordem e o mal. Desse modo, essa análise partiu dos vários questionamentos sobre a constituição do sujeito e dos discursos. As condições de possibilidade dos discursos mostram as relações de saberes e poderes e o lugar dos sujeitos.

Neste sentido, a teoria da Análise do Discurso permitiu-nos uma compreensão dos discursos que emergem na materialidade fílmica, na qual o sujeito é colocado em evidência por meio de estratégias específicas. O sujeito Dr. Jekyll realiza seus desejos e espalha o horror no corpo de Hyde, de modo que a produção desses sujeitos na materialidade discursiva toma o *close* para manifestar a desordem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Revista e Atualizada. **A Bíblia da mulher: leitura, devocional, estudo**. 2ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- AUMONT, J. **A Estética Do Filme: o filme como representação visual e sonora**. 6ed. 2008, p.19-52. Arquivo em pdf.
- CASTILHO, Aurea. **Filmes para Ver e Aprender**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003, p. 8.
- COURTINE, J. J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- CREMESP - Conselho Regional de Medicina do estado de São Paulo. **Juramento de Hipócrates**: Disponível em www.cremesp.org.br. Acessado em: 24/01/2013.
- FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2ed. São Carlos: Claraluz, 2008.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de L. F. A. Sampaio. 21ed. São Paulo: Loyola. 2011.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

_____. M. **Arqueologia do saber**. 8ed. Trad. bras. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. _____. In: 2002. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, p.306.

GREGOLIM, M. R. **Discurso e mídia**: A cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003, p. 90.

MILANEZ, N. **Discurso e imagem em movimento**. São Carlos: Claraluz, 2011.

_____. N. A possessão da subjetividade. In: SANTOS, João Bôsko Cabral (org.) **Sujeito e subjetividade**: discursividades contemporâneas. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 281-300.

_____. N. **Discurso e imagem em movimento**: o corpo horrífico do vampiro no trailer. São Carlos: Claraluz, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 96-98.

SANTOS, J. J. **Claro**: a constituição de sujeitos e a produção de identidades sociopolíticas em discursos no cinema. 2011, 137f: Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos.

_____. J. J. **O CINEMA DE MOJICA: FRONTEIRAS E ENTRECruzamentos NO HORROR**: Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/1266. Acessado em: 29/11/2012.

DR. JEKYLL AND MR. HYDE. Direção: Paolo Barzman. Roteiro: Paolo Barzman. Diretor de produção: Evan Tussman. Canadá: Indústria Cinematográfica Picture Vhicles Coordinator, 2008, DVD, (89 min.); colorido.